

ADOLESCÊNCIA E OS PARADIGMAS DE FELICIDADE: O SUJEITO DA EDUCAÇÃO E A PRODUÇÃO DE UMA NOVA SUBJETIVIDADE¹

Prof^ª. Dr^ª. Auricélia Lopes Pereira – Professora do Departamento de História/UEPB –
Campus I

auricelialpereira@yahoo.com.br

Silvano Fidelis de Lira – Graduando em História/UEPB – Campus I

silvanohistoria@hotmail.com

RESUMO:

O texto que segue busca fazer reflexões em torno das práticas desenvolvidas no âmbito da extensão universitária. Atividades desenvolvidas através do programa, “*Subjetividade, Adolescência e Ética*”, implantado na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Raimundo Asfora, na cidade de Seridó – PB. O mesmo tem como um de seus objetivos principais, promover discussões sobre a felicidade e suas implicações na vida do adolescente. Segundo Aristóteles (2009) a felicidade é entendida como o maior bem do homem e identifica-se com o viver bem e o fazer o bem. Tendo em vista que estamos inseridos na sociedade da qual se enfatiza mais o “ter” do que o “ser” do sujeito, na operacionalização de nossas ações estamos trabalhando com a construção de novos paradigmas de felicidade, afim de que a noção desta seja, para os jovens, diferente da citada anteriormente. Exploramos a partir dos mais variados espaços de subjetivação (filmes, músicas, textos, imagens, palestras, diálogos, etc.) uma noção de felicidade que leve o indivíduo à independência de fatores exteriores na busca cotidiana pela felicidade. Trata-se de um entendimento de felicidade como atitude e não como conquista de coisas. O nosso trabalho parte do pressuposto de que a vida é criada a partir de uma postura ética (diz respeito a um modo de viver). Objetivamos mostrar aos jovens que a vida e a felicidade não está associada a posses materiais. Não se trata, pois, de pensar a felicidade como um *bem* realizável totalmente, mas é um bem que se busca constantemente na ação de viver.

Palavras – chave: Felicidade. Juventude. Stultitia.

1. Este texto busca propor uma reflexão acerca do Programa de Extensão “*Subjetividade, Adolescência e Ética*”, coordenado pela professora Dr^ª. Auricélia Lopes Pereira, lotada departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Todos os conceitos e discussões apresentadas no mesmo compõem o projeto elaborado pela professora coordenadora e que se encontra cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEAC) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

“A nossa felicidade depende mais do que temos nas nossas cabeças, do que nos nossos bolsos.”

(Arthur Schopenhauer)

Seria possível viver feliz com o pouco que temos? Onde a felicidade estaria escondida? Em nós mesmos e na forma como vivemos, ou estaria ela atrelada às posses, às conquistas materiais? Quais os paradigmas de felicidade que podemos trabalhar junto ao adolescente, sujeito da educação? Perguntas assim, nos levam a uma reflexão em torno de uma questão que a sociedade moderna tem se debatido: A felicidade, entendida como uma condição do sujeito, uma consequência de seus atos e escolhas. Pensar a felicidade na escola é muitas vezes uma questão geradora de polêmica, querelas e até mesmo de rejeições. Ora, a escola, segundo o pensamento moderno, competitivista é um ambiente de aprendizado, de normatização do corpo.

A escola moderna foi pensada como capaz de docilizar corpos, normatizar posturas. Formada a partir de posturas, códigos, normas, a sua conjuntura exclui a dimensão subjetiva do sujeito. A disciplina escolar torna o corpo – e o sujeito – um objeto manipulável, que “pode ser submetido, pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT. 2008. p, 118).

É preciso então fazer uma (re) descoberta da escola, e, de seu papel na constituição do sujeito. Colocar a felicidade como “tema”, como proposta de uma discussão escolar não é anular os outros conhecimentos, é antes de tudo adentrar na vida do indivíduo a partir de suas fendas, modificando-o, proporcionando a ele uma alternativa de se constituir. Fazendo com que ele entenda e viva a sua vida como uma *obra de arte*.

Este texto tem a finalidade de produzir uma reflexão acerca de alguns paradigmas filosóficos de felicidade que são trabalhadas nas atividades do projeto de extensão “*Adolescência e Paradigmas de Felicidade*” parte integrante de um projeto mais amplo, o programa de extensão “*Subjetividade, Adolescência e Ética*”, desenvolvido com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEAC) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E que desde 2011 passou a ser implantado na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Raimundo Asfora na cidade de Seridó – PB, onde estamos realizando, encontros semanais e quinzenais com adolescentes do ensino médio. Durante os encontros procuramos trabalhar questões que confluem para discussões de temas inerentes à vida do

sujeito e as relações dele com a vida e com o outro, discussões que proporcionem neles novos encontros consigo e com a vida.

Seria a felicidade uma realidade possível diante da liquidez do tempo e das relações contemporâneas? Seria possível pensar uma relação entre adolescência, felicidade e subjetividade? Perguntas assim nos possibilitam enfrentar outras possibilidades de pensar a educação e a relação do sujeito com os paradigmas de felicidade.

As discussões teóricas com que fundamentamos a nova intervenção na realidade do sujeito da educação e na escola, nos leva a desenvolver discussões, acerca da noção de sujeito em Michel Foucault (1926-1984), sobretudo em *A hermenêutica do Sujeito* (2004), obra resultante dos seminários de 1982 em que o filósofo busca estudar as práticas utilizadas como modificação do modo de ser do sujeito na Antiguidade.

A trajetória de Michel Foucault nos proporciona pensar o sujeito a partir de noções subjetivas e históricas. Seu pensamento é comumente classificado em três momentos, a arqueologia do saber, a genealogia do poder e a análise do sujeito. O seu pensamento é transversal. Caminha por discursos e práticas.

A última fase de seu pensamento é de forma intensa um estudo sobre o sujeito. Não o sujeito condicionado a ser sempre o mesmo, mas o sujeito que se transforma e se modifica, se dobra a partir de relações subjetivas, discursivas e práticas. *“Pois não há sujeito absoluto.”* (FOUCAULT *apud*, CARVALHO. 2011. P, 12), o que nos permite pensar a vida enquanto arte. Esse momento de seu pensamento é também conhecida como fase ética. Para Celso Kraemer (2011);

a ética implica criticamente as relações de saber, poder e construção da subjetividade, oscilando entre a sujeição do saber-poder e os espaços de liberdade. Há uma tensão entre as formas de sujeição e os espaços de liberdade, indicada em noções como loucura, literatura, dispositivo de resistência e, no último período, contraconduta e “estética da existência”. (p, 36)

A noção de felicidade que hoje nos é oferecida é que ela está associada aos bens materiais e a posse de riquezas. Vivemos em um contexto em que o *ter* é mais importante que qualquer outra coisa. Precisamos ter um bom (e caro) computador, um bom (e caro) MP4 player, um bom (e caro) celular; temos que ter coisas boas (e caras). Nisso se constitui a felicidade capitalista e competitiva da sociedade (pós) moderna. Cada bem capitalista, que segundo o senso comum pode trazer felicidade, parece está atrelada a um prefixo, (*e caro*) não basta ser bom, ser útil, ser necessário, é preciso ser caro. É preciso que ele traga em si a prerrogativa de um status financeiro, que seja atrativo, o celular, por exemplo, tem que ter

inúmeras funções, precisa ser grande, visível, muitas vezes nem é utilizado, mas é visto, é o que importa.

A felicidade passou a ser entendida como uma mercadoria de consumo, facilmente comercializada, na medida em que alguns a buscam por via de posses de bens materiais. Assim, procuramos encontrar outros meios de alcançá-la que sejam independentes do ter, acreditando que cada sujeito, através das experiências vividas no desenvolver das atividades do projeto, possa descobrir individual e coletivamente diversas maneiras de ser feliz. A felicidade duradoura e acessível a todos. A felicidade que não exclui, não segrega.

A discussão sobre a temática objetiva mostrar que ser feliz é uma atitude e uma consequência, não um objeto de compra ou troca, que pode ser negociável ou adquirido através de instrumentos capitalistas. Buscar a felicidade, no sentido em que trabalhamos aqui, não significa excluir-se da sociedade capitalista, ou afastar-se do consumo. De forma alguma levamos os participantes do projeto a vislumbrarem o fim do ciclo do hiperconsumo (LIPOVETSKY, 2007. p. 367-370). Pretendemos sim, criar um debate em torno de uma postura crítica em que a idéia de “cultura da felicidade mercantil” (op. cit.) seja problematizada e superada, dando espaço a uma cultura de felicidade autônoma, independente do ter e do poder.

Partimos do pressuposto de que a felicidade, antes de tudo, é uma atitude perante à vida. Uma prática cotidiana que se realiza a cada dia, e a partir das pequenas e simples coisas. Para o filósofo francês Gilles Deleuze (1991), o projeto de constituição do sujeito se dá a partir de contato que ele estabelece com os dados que a vida traz, e a esse contato ele dá o nome de *afecções*, essas podem ser boas ou más. As afecções dobram o sujeito, permitem-lhe novas linhas de subjetividades. Assim, buscamos pensar alternativas que produzam boas afecções, bons encontros, que proporcionem ao sujeito da educação modificações que tornem sua existência mais rica, complexa e acolhedora.

Procuramos trabalhar com os jovens outra noção de felicidade que existe sem estar, necessariamente, ligada a fatores relacionados à posse e a bens de consumo. Sendo assim, é preciso libertar-se da *stultitia*, ou seja, uma maneira de viver dependente do mundo exterior, que acaba por produzir no sujeito uma vivência das *phantasias* e instabilidade com relação às coisas da vida. Todas essas questões estão envolvidas na filosofia de Michel Foucault (2004), o que ele preferiu chamar de chamar de *espiritualidade*:

Pois bem, se a isto chamamos “filosofia”, creio que poderíamos chamar de “espiritualidade” conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações da existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o

sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade. (p, 19)

A espiritualidade, na perspectiva em que é trabalhada por Foucault, remete-se a uma ética de vida, uma forma de vivência em que o sujeito mesmo traça percursos para sua existência. Não é só contemplação, mas é também atitude, ação concreta. A espiritualidade nos educa, educa nosso olhar, nosso ouvir, nosso falar, faz-nos, viver de outras formas.

A espiritualidade foucaultiana (agenciada dos filósofos antigos) é um conjunto de preceitos éticos, criando dessa forma novas subjetividades, que levam o indivíduo ao que os gregos chamavam de *epimélia heautoû*, o cuidado de si mesmo. Noção que implica a necessidade do sujeito de se ocupar consigo mesmo, que o leve ao cuidado consigo, com seu êthos. Ao reler os gregos, Foucault dirá que, “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo. É neste âmbito, como que no limite deste cuidado, que aparece e se formula a regra ‘conhece-te a ti mesmo’” (op. cit.). É preciso que o adolescente chegue à conclusão de que a felicidade é uma tomada de decisão, que deve ser buscada como uma forma de cuidar de sua existência. Esse cuidado de si, esse cuidado da alma, Epicuro chamou de *therapeúein*, um cuidado da alma.

Se a felicidade não depende de bens exteriores, como se daria a constituição desses novos paradigmas de felicidade? Para que essa “nova noção” de felicidade seja operacionalizada em nossas discussões é preciso que tenhamos todo um debate filosófico. Isso acontece, sobretudo, por meio da leitura e reflexão de textos filosóficos, como as cartas de Sêneca, os textos de Epicuro, Epitecto... Só dessa maneira podemos fazer com que a Filosofia e seus conceitos tornem-se presentes na realidade escolar.

Assim podemos proporcionar ao adolescente uma reflexão em torno de alguns conceitos relacionados à felicidade produzidos, sobretudo, pela Filosofia Helenística. Exploramos também o conceito de *eudemonia* que é a condição de felicidade plena que se identifica como objetivo da vida humana e que é bastante difundida na ética grega.

Acreditamos que a partir do conhecimento de teorias sobre felicidade e na partilha de experiências vividas, realizada no grupo, se obtém um alargamento do arquivo espiritual desses jovens. Esse arquivo espiritual diz respeito às referências e conceitos que serão úteis à vida, pois possibilitam ao sujeito usá-lo nas diversas situações que ocorrem no decorrer de sua existência.

A prática da extensão universitária requer que tenhamos discussões teóricas. Isso se dá, sobretudo, por meio das leituras. A partir disso, é que podemos então escolher temas que sejam adequados às realidades em que os adolescentes estão inseridos. Em nossas ações

extensionistas, fazemos uma seleção de temas que venham a contribuir para a formação deste saber do qual se constitui o arquivo espiritual, entendido como um saber *etopoético*, ou seja, que produz efeitos positivos, saber que é útil à vida. Esse saber não está associado ao conhecimento intelectual, mas a um conhecimento que auxilia o sujeito na sua formação ética e subjetiva.

O saber *etopoético* produz novas formas de ver o mundo e a si mesmo, cria uma estética da existência, desenha novas formas de ser e estar no mundo, é um saber que produz outro sujeito, não um sujeito passivo, desequilibrado, mas um ser que pode enfrentar as dificuldades com conceitos e práticas úteis à sua vida.

As questões teóricas discutidas até o momento são operacionalizadas desde o início de 2011 através da intervenção feita na escola pública. Para realização dos objetivos traçados pelo projeto de extensão é feito uso de diversos recursos – cartas, leituras, exibição de filmes, lanches filosóficos, etc. – em nossos encontros semanais com a turma do 1º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Raimundo Asfora, localizada na cidade de Seridó, interior da Paraíba.

Buscamos realizar encontros que acontecem no horário de aula. O tempo serve para realizarmos nossas discussões, debates, exposições, diálogos, dinâmicas; paralelamente, aos sábados, em que nos é disponibilizado um maior espaço de tempo, nos encontramos para exposições e discussões de filmes, caminhadas, confraternizações e partilhas.

Trabalhamos o conteúdo em sala de aula, por meio de aulas expositivo-dialógicas, para que os temas sejam discutidos. Lançamos mão dos mais variados recursos disponíveis para criarmos, a partir das várias linguagens, possibilidades de aprendizagem e de compreensão dos temas. Usamos recursos audiovisuais, impressos e orais, utilizamos também dinâmicas que estejam relacionadas com o tema proposto para facilitar a contextualização do mesmo.

No decorrer da apresentação, sempre abrimos espaço para que os jovens participem, dando suas opiniões, expressando suas dúvidas, afim de que dessa forma, compreendam melhor o que está sendo discutido. Nesse sentido, nossas atividades buscam sustentação na arte do diálogo, diálogo que tem seu papel cada vez mais negligenciado nos dias atuais, parece simples, secundário, mas buscamos possibilidades em que o ouvir e o falar sejam exercitados. Ouvir e ser ouvido também são formas de buscar a felicidade. Conhecer a si mesmo é também redescobrir sentidos.

Relacionados ao tema de cada encontro, procuramos desenvolver atividades práticas com a turma. Como por exemplo, a construção de murais, onde são partilhados dados da vida

do grupo e exercitamos a construção de metas para a existência de cada um. Os murais, expostos têm como intuito levar os jovens a revisar os objetivos neles depositados e possam avaliar-se, em outros momentos, de acordo com que foi escrito e afixado. Outra forma de tornar prático aquilo que discutimos é motivá-los a escrever cartas, cartas para o outro e cartas para si mesmos, afim de que, eles partilhem com os outros as suas experiências e possam escrever a si mesmos, fazendo um diagnóstico das mudanças e das necessidades de mudanças.



Imagem 1 – Arquivo do projeto

Mural dos sonhos, uma forma de mostrar que o sonho é algo construído diariamente e que precisa ser cuidado, gestado...

A imagem acima foi retirada do material confeccionado a partir da discussão sobre sonhos, tema proposto durante o encontro do dia 07 de agosto de 2011. Os sonhos são formas de construir caminhos de felicidade, caminhos que são traçados, pensados como formas de traçar caminhos, alternativas para a felicidade.

Outra metodologia adotada em nossas atividades tem sido a utilização de músicas, não como um simples recurso pedagógico, mas como maquinaria produtora de subjetividades na vida do sujeito, formando nesse sentido, uma nova postura diante da vida e do mundo. A música produz afecções, Deleuze (1991), ou seja, encontros, que nos afetam, nos transformam. Ao ouvir, meditar, discutir as músicas, procuramos torná-las caminhos para a constituição de novos paradigmas de felicidade. Percursos que devem ser construídos e cuidados.

Outra forma de agirmos é a utilização de filmes, filmes que tragam uma mensagem na formação do sujeito. O uso de filmes é de grande importância ao nosso projeto, por serem

entendidos como lugares de produção e afirmação de sentidos. Procuramos utilizar filmes que sejam exemplo de superação, que levem o sujeito a pensar sobre sua vida e procurar modificá-la, entendemos este recurso metodológico como uma máquina produtora de subjetividades, de formas de ser do sujeito que lhe possibilita pensar o estar e o ser no mundo. Após a exibição do filme são feitos debates, em que, determinados pontos do filme são destacados para possibilitar espaços de reflexão e de dobras éticas; em seguida criamos momentos de descontração com a turma, como lanches.

Mas, seria a felicidade fruto de uma construção subjetiva do sujeito? Seria ela possível na ausência de bens materiais? Nem a posse das riquezas, nem a abundância das coisas, nem a obtenção de cargos ou o poder produzem a felicidade. Nesse sentido, nosso projeto visa o entendimento de que a felicidade não está atrelada a bens de consumo, mas constitui-se a partir de uma prática de si, que associa-se a determinação da substância ética (FOUCAULT, 1984).

A construção desses novos paradigmas se dá a partir do momento em que o sujeito reconhece a felicidade como conquista a si e para si. Quando se busca não o materialmente preciso, mas o que é espiritualmente necessário. Nesse sentido, em *Ética a Nicômaco* (Aristóteles, 2009) a felicidade é entendida como o maior bem do homem e identifica-se com o viver bem e o fazer bem. Logo, caberia aqui dizer que a felicidade é uma escolha ética, pois está relacionada ao modo de viver de cada um. A lógica aristotélica é que todos os bens desejáveis, tais como os prazeres, a riqueza, a honra, a fama, são bens não necessários de uma vida boa, de uma vida feliz (*eudaimonia*).

Não se pode pensar na felicidade como um objetivo, um destino a ser alcançado, mas como o percurso em busca deste. Esse percurso, ou seja, esta forma de viver a felicidade, só pode ser construída, pelo sujeito a partir de um exercício de si sobre si, por meio de uma prática denominada pela filosofia helenística como *askésis*, que consiste na construção do sujeito como um fim último de si mesmo. É nessa dinâmica contínua que se deve viver a felicidade e não ficar à espera de encontrá-la em algum determinado ponto. A felicidade existe não a partir de algo que aconteça, mas pelo que se faz com que nos aconteça.

Acreditando ser responsável pela construção de sua felicidade, o sujeito vai ao encontro de si mesmo e percebe que mesmo havendo fatores externos que influenciam direta ou indiretamente na sua existência, ele pode determinar suas escolhas, ele pode decidir o ponto aonde quer chegar e a maneira como fará seu percurso. É no decorrer das ações que a felicidade vai ganhando contornos. Ela é fruto tão somente do que escolhemos praticar em nossas vidas.

O importante é pensar na felicidade como uma construção, onde o sujeito é agente condutor, o único que pode optar por adquirir ou não esse bem que provém de si e tem como destino si mesmo. Propomos aos nossos jovens que se desprendam da concepção de que felicidade deve ser buscada fora, no outro; bem como no mundo distante do seu ou ainda nos bens que o dinheiro produz. É preciso que passem a valorizar e tornar prática em seu viver a idéia de que é possível tornarem-se felizes exercitando atitudes como fazer o bem. Fazer o bem aos outros e também a si mesmo, na medida em que constroem como desafio contínuo a superação de vícios, falhas que bloqueiem sua plena integração à existência.

Os resultados surgem paulatinamente. A cada novo encontro presenciamos relatos, e o que é mais importante, ações de jovens que, com determinação, driblam as circunstâncias diversas que bloqueiam seu caminho em busca da conquista desse *ideal supremo*, e que, fazendo uso do que lhes é proposto em sala de aula nas atividades do projeto de extensão, estabelecem suas próprias maneiras de conceber felicidade.

Concluindo, destacamos que, segundo Foucault (op. cit.) a *epimélie heautoû* é uma atitude para consigo, para com os outros e para com o mundo. “Cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar” (p, 14). Cuidar de si é olhar a si mesmo de forma diferente. Proporcionar discussões nesse sentido é criar possibilidades do sujeito (re)inventar-se. Criando novas subjetividades. Novas formas de existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Atlas Editora, 2009.

CARVALHO. Alexandre Filordi de. Função-educador: em busca de uma noção intercessora a favor de experiências de subjetividades ativas. In; RESENDE. Haroldo de. (org.). **Michel Foucault: transversais entre educação, filosofia e história**. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (pp, 9-34).

DELEUZE, Gilles. **A Dobra: Leibniz e o barroco**. Campinas: Papirus, 1991.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. (Vol.2)

_____. **Vigiar e punir**. São Paulo: Vozes. 2008.

_____. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LIPOVETSKY. Gilles. **A felicidade paradoxal.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KRAEMER. Celso. Crítica, liberdade, arte e transversalidade em Michel Foucault. In; RESENDE. Haroldo de. (org.). **Michel Foucault:** transversais entre educação, filosofia e história. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (pp, 35-64).